



Péricles e a peste: o corpo da pólis ou o corpo e a pólis

Rosangela Santoro de Souza Amato

Graduação (USP)

Orientador: Prof. Doutor Daniel Rossi Nunes Lopes (USP)

Resumo

Este trabalho trata da Oração Fúnebre de Péricles, em que é feito um elogio a Atenas e aos atenienses, em contraposição ao relato da peste e os efeitos desta sobre as relações entre os indivíduos e a estrutura da pólis, ambos no livro II da Guerra do Peloponeso de Tucídides.

Palavras-chave: Péricles, Tucídides, Oração Fúnebre, peste, Guerra do Peloponeso

Pericles and the plague: the body of the polis or the body and the polis

Abstract

This paper discusses Pericles' Funeral Oration, in which there is an eulogy of Athens and the Athenians, in opposition to the narration of the plague and its effects on the inter-individual relationships and the structure of the polis, both in the book II of Thucydides' Peloponnesian War.

Keywords: Pericles, Thucydides, Funeral Oration, plague, Peloponnesian War

Introdução - objetivos

O objetivo deste projeto é estudar o relato da luta civil (*stasis*) que se abateu sobre a Córçira, no ano de 427 a.C, quarto ano da guerra do Peloponeso, que se encontra no livro III, parágrafos 81.2 - 83¹³³ da *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides

Este relato tem importância crucial na obra de Tucídides, pois nela o autor não apenas descreve os acontecimentos particulares ocorridos na Córçira, como compõe um modelo genérico para todas as *staseis*. O modelo tem uma dupla função. Servirá não só como referência para todas as outras instâncias de *stasis* que o autor virá a descrever (quando houver variações importantes nas outras *staseis*, elas serão relatadas), mas também como modelo abstrato para um evento que poderá recorrer não apenas na Guerra do Peloponeso e no mundo helênico, como em qualquer momento no futuro da história humana. A importância dessa segunda função será servir como um modelo *diagnóstico* para observadores futuros dos acontecimentos nas pólis.

A descrição da *stasis* na Córçira contém um dos mais longos comentários, na própria voz de Tucídides, sobre um dos aspectos da guerra. Nela encontramos suas reflexões sobre a natureza do poder, a natureza das relações humanas em sociedade e sobre as condições que sustentam a unidade da pólis. Por meio dela, Tucídides vai relatar a completa dissolução da organização em comunidade (assim como já o fizera com o relato da peste em Atenas no livro II, 47-51) e examinar os mecanismos subjacentes a essa falência.

Acreditando, então, que o fenômeno da *stasis* não é algo pertencente exclusivamente ao mundo helênico, Tucídides vai se concentrar nos aspectos mais gerais da sociedade: a linguagem, os laços de família e as convenções políticas, legais e religiosas (PRICE, 2001).

¹³³ O parágrafo 84 é considerado espúrio pela maioria dos autores, tanto antigos como modernos.

Contudo, antes de iniciar a pesquisa sobre a *stasis*, julguei importante observar com olhar mais detido outra instância, anterior ao episódio da *stasis* na Córquira, onde a voz de Tucídides já tinha se feito ouvir. No livro II, parágrafo 47, Tucídides relata e comenta a peste que assolou a cidade de Atenas ao final do primeiro ano da guerra do Peloponeso e contrapõe esse relato e seus comentários à célebre Oração Fúnebre de “Péricles”. Este relato é fundamental, pois a peste também provocou sobre os cidadãos efeitos que levaram à dissolução dos acordos sociais.

Para Orwin, em seu artigo *Stasis and Plague: Thucydides on the Dissolution of Society*: “A *stasis* mostra as consequências da “politização” radical da vida, a peste, aquelas da despolitização” (1988, p.843)

Péricles e a peste: o corpo da pólis ou o corpo e a pólis

Segundo Tucídides (II, 34), fazia parte de um costume antigo a celebração de ritos fúnebres em honra aos mortos de guerra, da qual qualquer pessoa, inclusive as mulheres, podia participar. Nessas ocasiões, os ossos dos mortos eram expostos por 3 dias – nos quais os familiares ou amigos traziam oferendas – após os quais procedia-se ao enterro em sepulcro público. Havia um caixão para cada tribo e também um vazio, para aqueles cujos corpos não haviam sido encontrados. Era escolhido ainda um homem, o mais sábio e tido em maior estima pública, para proferir o elogio dos mortos. No inverno de 431/430, ao fim do primeiro ano da Guerra do Peloponeso, essa função coube a Péricles¹³⁴.

¹³⁴ Devemos lembrar que o discurso é atribuído a Péricles por Tucídides, mas que de fato, a autoria é do próprio Tucídides, seguindo sua própria declaração de método em I.22.

Sendo um discurso epidítico em ocasião de um rito fúnebre, sua função principal seria louvar os mortos e consolar aqueles que haviam perdido seus familiares e amigos. Entretanto, não é essa a única intenção de Péricles com sua oração. Muito mais do que elogio e consolo, percebemos a intenção de manter o bom ânimo dos cidadãos frente à guerra que continuava. Péricles tinha um problema em mãos. Devia de alguma forma persuadir os cidadãos atenienses, que tinham diante dos olhos a prova concreta das perdas trazidas pela guerra, de que o bem público deveria sobrepor-se aos interesses privados e que o bem da cidade correspondia ao maior bem individual. Vejamos como Péricles resolve esse dilema.

Dizendo ser impossível agradar a todos os presentes – pois os parentes dos mortos achariam os elogios insuficientes e os demais sentiriam inveja ou descrença por julgá-los excessivos, Péricles efetua um deslocamento em relação ao objeto de elogio. Em lugar de elogiar os mortos, elogia os atenienses e a cidade de Atenas.

Tipicamente nessas ocasiões, eram elogiados os grandes feitos dos antepassados. Péricles o faz, mas inverte sutilmente a ordem de valoração. Os antepassados legaram a terra e os costumes, os pais o império, mas foram os presentes (os quais segundo ele, encontravam-se em sua maioria no acme de suas potencialidades) que fortaleceram o império ateniense e deram à cidade os recursos (dinheiro, exército e frota naval) que a tornaram auto-suficiente, tanto na paz como na guerra. Péricles busca mostrar a superioridade e a singularidade da cidade pela qual seus cidadãos deveriam estar dispostos a sacrificar suas vidas e as vidas de seus filhos.

Principia por descrever a forma de governo, em que o poder está na mão de muitos, e contrabalança a isonomia de que todos gozam com a meritocracia, que permite a todos, independentemente de suas posses, servirem a cidade de acordo com suas capacidades individuais. Descreve como os atenienses são liberais na vida privada, mas mostram medo reverente às leis na vida pública. As dores são compensadas pelos

jogos e sacrifícios públicos e pela elegância e bom gosto das casas na esfera privada. Os frutos materiais e intelectuais de seu próprio solo são disponibilizados a todos e, ainda, a cidade é aberta a tudo que vem de outras terras. Contrariamente aos espartanos, que treinam a coragem desde a infância, os atenienses levam uma vida mais relaxada, mostrando coragem quando necessário. Cultuam a beleza sem extravagância e a sabedoria sem fraqueza. A riqueza é usada para a ação e não para a ostentação. A pobreza não é vergonhosa, mas sim a falta de ação para saná-la. Os atenienses são superiores aos outros homens tanto na sua ousadia para a ação, como na reflexão acerca das empresas que tencionam levar a cabo. Espera-se de um cidadão que tenha o mesmo interesse na vida pública e na privada. O pior cidadão para os atenienses é aquele que não participa da vida pública.

Podemos observar, então, nas qualidades e no modo de vida atenienses descritos por Péricles, os princípios de equilíbrio e harmonia caros ao pensamento grego. Isso será retomado logo mais, ao comentarmos a peste, quando os excessos e desequilíbrios tomarão conta da vida da cidade.

Só então, após mostrar de que é feita a cidade pela qual lutaram, Péricles passa a falar dos mortos. Eles servem de exemplo aos sobreviventes, por terem morrido no ápice da glória, defendendo a cidade. A audiência é exortada a identificar a liberdade com felicidade e a coragem com a liberdade e, dessa forma, a não se angustiar com os perigos da guerra. A morte em batalha não é uma perda privada, mas sim um ganho, pois com ela o indivíduo ganha a maior das glórias e a glória pública é mais importante e duradoura que a prosperidade, a segurança e a felicidade na vida privada.

Ao se dirigir aos pais dos mortos, Péricles encoraja aqueles ainda em idade fértil a terem mais filhos, não apenas como consolo para a perda recente, mas também como fonte de recursos para a cidade.

Vemos, assim, que ao longo de todo o discurso, Péricles identifica o bem privado com o bem público, e que em nenhum momento singulariza a experiência da morte ou a dor trazida por esta. Tanto a perda sofrida pelos familiares quando a própria morte dos combatentes são esvaziados do corpo em sua realidade física individual. Ele, o corpo, pode ser sacrificado em nome da grandeza da pólis.

Interessante notar que, ao se dirigir às viúvas, Péricles as mande se recolherem às suas casas, conforme o que seria mais próprio à sua natureza. As mulheres, com suas lamentações pelos mortos, suas preocupações com a sobrevivência cotidiana e os assuntos mezinhas, suas gestações e apelos constantes à corporalidade, não podem fazer parte desse quadro proposto por Péricles.

Além do mais, os cidadãos são instados a tornarem-se amantes – no sentido físico mesmo – da própria cidade (o termo usado é *erastês*: 2.43). Isto é, a mais privada das paixões – *erôs* – terá como objeto aquilo que pode haver de mais público: a pólis.

Podemos então entender que o fundamento da vida política, para Péricles, está no desejo da honra alcançada no serviço da pólis.

Tucídides contrapõe essa oração fúnebre, que é de um otimismo exaltado na evocação das qualidades atenienses e da vida política, à descrição da peste que assolou Atenas logo no início do verão seguinte. Essa contraposição tem sido observada e comentada desde a Antiguidade. Não é possível termos certeza de que as coisas tenham se passado assim cronologicamente, mas a intenção do autor em contrapor a realidade trazida pela ruptura causada pela doença à idealização da pólis no discurso de Péricles parece evidente.

Ao passarmos da leitura da Oração Fúnebre ao episódio da peste (que estão separados por um parágrafo apenas: II: 46-47), temos a impressão de atravessar um espelho que nos mostra o avesso das imagens antes refletidas.

De repente, o corpo toma precedência e se mostra em toda sua fragilidade. Os sinais e sintomas da doença são descritos vívida e graficamente. A descrição é detalhada e mostra uma sequência que vai da cabeça até as extremidades, do interior para o exterior e dos sintomas físicos até as sensações psicológicas trazidas pela doença. Todo o horror da morte é explicitado.

Todos eram acometidos, e a doença matava indiferentemente tantos os de constituição forte como os de constituição fraca. Nenhum tipo de cuidado era de qualquer valia. Tanto os ímpios como os piedosos morriam da mesma forma - ou seja, homens ou deuses, ninguém tinha qualquer poder sobre a evolução da doença. Era tal sua natureza, que aqueles que cuidavam dos doentes também adoeciam, e logo as pessoas passaram a morrer sozinhas, sem qualquer assistência. Mesmo aqueles, que como exortara Péricles, tinham a honra em maior conta do que a segurança ou ganho, e ainda se aventuravam a visitar os amigos (abandonados pelos próprios parentes), eram também contagiados. Isto é, nem mesmo os virtuosos eram poupados.

O efeito imediato mais terrível foi a prostração e a desesperança absolutas que se abateram sobre os cidadãos. Ao perceberem que todos eram acometidos e que a maioria morria indiscriminadamente, os cidadãos passaram a não respeitar as leis divinas: os templos ficaram repletos de cadáveres e os ritos fúnebres foram abandonados.

On the one hand, they were restrained by fear from visiting one another, the sick perished uncared for, so that many houses were left empty through lack of anyone to do the nursing; (...). The bodies of dying men lay one upon the another..(...) men, not knowing what was to become of them, became utterly careless of everything, whether sacred or profane. (THUCYDIDES, History of the Peloponesian War, II. 51-52)

Por um lado, o medo impedia-os de visitarem-se mutuamente, os doentes morriam sem cuidados de forma que muitas casas ficavam

vazias por falta de pessoas que fizessem as vezes de enfermeiros (...). Os corpos dos moribundos jaziam uns sobre os outros ..(...) os homens, não sabendo o que iria acontecer com eles, deixavam de zelar pelas coisas, fossem elas sagradas ou profanas. (tradução nossa)

Com uma sentença de morte já proferida, os cidadãos passaram também a não respeitar as leis humanas, uma vez que não esperavam viver o suficiente para enfrentarem as punições.

Os homens passaram a ser indivíduos solitários, em busca do prazer e lucros imediatos, prostrados diante da calamidade e indiferentes a tudo o mais que não fosse seu sofrimento.

Desta maneira, Tucídides cria um quadro em que o amor da honra e da cidade, o temor às leis humanas e a piedade não são suficientes para garantir os acordos sociais que garantem a coesão da pólis. Diante da ameaça constante, os homens passam a viver apenas para o presente, e, dessa forma, a vida política, que depende da esperança no futuro, é completamente esfacelada. Passou-se da isonomia, base do regime democrático ateniense, à anomia. Todos os princípios de uma vida harmônica e equilibrada, como descrita por Péricles, são revogados na presença dos corpos individuais doentes. A saúde da pólis esvai-se juntamente com a saúde de cada indivíduo.

Voltando à oração fúnebre, a única vez em que Péricles refere-se explicitamente à morte, assim o faz qualificando-a de *anaisthetos* (isso é, não sentida).

A degradação trazida pela covardia é mais dolorosa ao homem prudente do que a morte, que chegando em companhia da força e esperança comuns, não é sentida. (II.46:6)

Isto é, a dor moral trazida pela covardia é maior do que a dor física trazida pela própria morte.

O termo grego usado por Tucídides traduzido aqui por degradação foi *kakôsis* – termo esse utilizado nos escritos hipocráticos (cf. *Sobre a Medicina Antiga*, 17) para descrição de alterações causadas pelas doenças.

No episódio da peste, a relação é invertida – a *kakôsis* tangível, real, provocada pela doença e pela morte dolorosa, trouxe a ruptura da vida política.

A fragilidade humana

Assim, Tucídides parece não tecer qualquer juízo sobre a natureza humana. Observa e registra o comportamento dos homens diante das mais variadas situações. Assim como o corpo será saudável em condições saudáveis, da mesma forma o comportamento humano será afetado pelas condições boas ou más de sobrevivência. Da mesma maneira que a peste ameaça a sobrevivência e representa uma sentença de morte suspensa e pronta a se abater sob o indivíduo a qualquer momento, a guerra civil representa a mesma ameaça de morte à polis por meio da violência, que pode emergir a qualquer momento provocada por facções inimigas.

Em ambas as situações, o “corpo físico”, tanto do indivíduo como da pólis (entendida aqui como uma espécie de organismo cujas partes são os homens), passa a ter precedência sobre quaisquer outros valores. A vida política depende da esperança no futuro e da expectativa do mesmo. A indiferença quanto ao futuro leva a comportamentos moralmente rejeitados em situações de normalidade. Sem esperança

em um futuro ou consideração pela opinião alheia, os homens passam a buscar apenas a satisfação de seus prazeres e interesses particulares imediatos.

Sendo assim, a estabilidade da pólis estaria em grande parte sustentada pela capacidade de satisfazer as necessidades diárias dos corpos de cada indivíduo e, acima de tudo, na esperança de adiar a morte e no esquecimento, mesmo que temporário, de sua inevitabilidade.

Bibliografia

NIELSEN, D.A. Pericles and the Plague: Civil Religion, Anomie, and Injustice in Thucydides, *Sociology of Religion*, v.57, n.4, p.397-407, Winter, 1996.

ORWIN, C. Stasis and Plague: Thucydides on the Dissolution of Society, *The Journal of Politics*, v.50, n.4, p.831-847, Cambridge University Press on behalf of the Southern Political Science Association, Nov., 1988.

PRICE, J.J. *Thucydides and Internal War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

THUCYDIDES. *History of the Peloponesian War*, Books 1-2, tradução de C. F Smith. Cambridge, Massachussets & Cambridge, England: Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1928.



Recebido em Fevereiro de 2010
Aprovado em Abril de 2010